

50 anos de serviço público

Na última Sexta-feira a Assembleia da República votou por unanimidade uma saudação pelo nosso 50.º aniversário, assinalando “a grandeza de uma instituição de enorme referência da cidade de Almada e do nosso país”, e louvando o “trabalho desenvolvido, assente numa perspectiva de serviço público de Cultura”. Agradecemos a distinção e alargamo-la ao nosso público. Nela incluímos também aqueles que — actores, criadores, técnicos, administrativos, colaboradores — nos últimos 50 anos têm contribuído para que aqui chegássemos. Largas centenas de pessoas que acompanharam Joaquim Benite neste caminho feito de acção e de poesia.

Mas também sabemos que as efemérides podem esgotar-se em si mesmas. Não nos deixamos deslumbrar pelo que alcançámos. Só poderemos continuar a prestar o serviço público de cultura que nos é louvado se continuarmos a contar com a colaboração dos poderes públicos. Apraz-nos ser considerados pela Assembleia da República “uma das mais importantes companhias de teatro nacionais”, e “um símbolo da nossa vida cultural”. Mas também não nos esquecemos de que há apenas três anos atrás o corte de 30% no financiamento à nossa actividade, por parte do Ministério da Cultura, chegou a pôr em causa a realização do Festival que co-organizamos desde 1984 com o Município de Almada.

Chegou Julho e o Festival aí está. A ameaça da pandemia subsiste, mas há um ano já provámos ser possível haver teatro, mesmo que com plateias reduzidas. Nesta 38.ª edição, o teatro que vem de longe regressa a Almada: vamos ao seu encontro! | **Rodrigo Francisco**

O mais trágico dos poetas

Diz Aristóteles que Eurípides é o mais trágico de todos os poetas e que, entre as suas, estarão as mais belas tragédias: aquelas que despertam, portanto, a necessária purificação catártica no auditório.

Com encenação de Rogério de Carvalho, *Hipólito*, de Eurípides, surge-nos como um espectáculo simbólico, que entra em diálogo com *Fedra*, de Racine, que o encenador dirigiu na Companhia de Teatro de Almada, em 2006. Teresa Gafeira assumia, então, o papel de Fedra. Agora, na encenação da peça clássica, volta a fazê-lo, acompanhada pela mesma equipa cénica: Mariana Sá Nogueira, nos figurinos e José Manuel Castanheira, na cenografia.

Hipólito provoca, no espectador, o terror e, em simultâneo, a piedade por um herói, sem culpa, que passa da 'dita para a desdita', da felicidade, para a infelicidade, mas não por malvadez, não por culpa ou indignidade dos actos, mas pela pura assunção do livre arbítrio, da sua integridade. Os deuses de outrora, como os humanos de hoje, dificilmente suportam não serem objecto de adulação subserviente.

O coro vai repetindo, em crescendo, a frase “Não devemos intrometer-nos na vida dos outros”, que, como um eco, perdura na memória do espectador para pensar os dias de hoje: tão pouco mudaram os ho-



Teresa Gafeira (na foto com Elsa Valentim) volta a interpretar Fedra

mens, suas intrigas e ardis em 25 séculos. No passado, como hoje, a integridade, a rectidão, a virtude são tidos por erros trágicos que clamam por punição. E é nesta linha de reflexão que Rogério de Carvalho, ao *Jornal de Letras*, afirma: “A tragédia é um género teatral que faz parte da nossa civilização, continuando a ser revisitada, sendo a tragédia contemporânea mais humana e próxima do nosso discurso quotidiano, mas que não deixa de ser uma tragédia.”

Em estreia, *Hipólito*, de Eurípides, pode ser vista até 4 de julho, na Sala Principal do Teatro Municipal Joaquim Benite. É a abertura da 38ª edição do Festival de Almada, que celebra os 50 anos da CTA, com encenação de Rogério de Carvalho, um encenador cuja relação com a Companhia remonta a 1986. E porquê uma tragédia grega? É que muitas vezes, tantas, “é preciso olhar para trás para ver para a frente”. **Pedro Barros**

Encontros da Cerca amanhã

Os Encontros da Cerca realizam-se aos Sábados, às 15h, na Casa da Cerca, e o primeiro é já amanhã. São quatro encontros dedicados à comemoração dos cinquenta anos da Companhia de Teatro de Almada, divididos cronologicamente: *O Grupo de Campolide: laboratório da CTA (1970-1984)*;

A implantação em Almada: o Festival (1984-1988); *O primeiro Teatro Municipal (1988-2006)*; *O Teatro Azul (a partir de 2006)*. Quatro convidados conversarão com alguns daqueles que têm acompanhado o nosso percurso. Amanhã estarão à conversa Eugénia Vasques, Isabel Bahia e Teresa Gafeira.

NOVOS HORÁRIOS

Cumprindo a Resolução n.º 77-A/2021 de 24/6/2021, os espectáculos em Almada em período nocturno iniciam-se às 20h30, excepto «Lorenzaccio», que é às 19h00.

Bonita, a Festa



© Marie Bacelar

Vitor Deniz Silva, 43 anos de plateia

«Gostaste?», perguntava-me o Joaquim Benite, à saída das estreias. Era assim a Companhia de Teatro de Almada, sempre atenta ao que diziam os espectadores mais frequentes, recebendo as suas críticas, ajudando desta forma a construir o gosto, a sensibilidade e o desempoeiramento do seu público. E foi assim desde o princípio, com a pioneira Associação de Espectadores, hoje Clube de Amigos, porque os tempos eram difíceis, para quem desejava criar um teatro esclarecido e humanista, o contrário do teatro comercial. Lembro ainda

a venda de bilhetes às comissões de trabalhadores e aos sindicatos, a preços mais em conta, ou a ida às escolas, com o objectivo de criar novos públicos, junto de alunos e professores.

Depois, chegou o tempo da Festa do Teatro, pensada para estar e crescer perto da população, no Beco dos Taneiros ou no Pátio Prior do Crato, em Almada Velha, com grupos amadores, charangas para assinalar os eventos, barraquinhas várias na Boca do Vento, teatros de rua no calor das noites de Julho.

Uma festa bonita, para toda a

gente. O Festival que começou assim, com uma raiz popular mas de alta qualidade estética, transformou-se naquilo que é hoje: um dos principais encontros do teatro europeu.

Também aqui, ao longo dos anos, vivi grandes momentos de convívio, com cumplicidades e amizades duradouras entre os espectadores e os artistas das companhias estrangeiras e nacionais envolvidas. Tudo no espírito fraterno do Festival.

Por todo este trabalho, eu, espectador desde a primeira hora, não quero deixar de dizer: obrigado.

Que violência é esta?

Ivica Buljan é nosso conhecido há já vários anos: de *Macbeth*, de Shakespeare (2014), a *Final do amor*, de Pascal Rambert (2018), passando por *Cais Oeste*, de Koltès (para a CTA, em 2014) e *Pílades*, de Pasolini (2016). Em 2018 o encenador croata lançou-se na adaptação para palco do mais recente livro de Édouard Louis — *História da violência* —, que para si constitui uma “denúncia do racismo, da homofobia e dos mecanismos de dominação ocultos nas sociedades capitalistas”. Está em cena até Segunda-feira no Fórum Romeu Correia.

Ao regressar a pé para casa, após um jantar para celebrar a noite de consoada passada em casa de amigos, Édouard Louis é abordado na Place de la République por um jovem imigrante do médio oriente chamado Reda. Perante a sua insistência, Édouard aceita levá-lo até ao seu apartamento, onde se envolvem sexualmente.



© Zgotovina Nasilja

A relação acaba por degenerar em violência, quando Édouard descobre que Reda, antes de sair, tenta roubar-lhe o telemóvel. A reflexão sobre a violência propriamente dita, que o autor escolheu para o título do seu relato confessional, acaba por ir muito para além da violação de que foi vítima. Na verdade, ao deparar-se com o racismo e a homofobia latentes no sis-

tema a que recorre para denunciar essa violência, Édouard acaba por desistir da queixa. De facto, o que terá levado Reda a ter feito o que fez? Que pontos terão em comum o jovem imigrante fugido à miséria e o jovem escritor, ele próprio filho do operariado de uma vila perdida no Norte de França, e que luta para singrar no meio artístico parisiense?

Ele anda de certeza por aí

Tomé Vieira foi o primeiro dos primeiros a trocar a Assinatura pelos bilhetes — as sessões foram todas a sua primeira escolha. O segredo? Ter chegado ao TMJB logo às 11h40, naquele Sábado em que houve quem in-

vestisse várias horas para obter as sessões favoritas. “O Festival é um momento único e vale o sacrifício”, diz-nos. Mas corrige: “Não, não é um sacrifício: é um prazer, a espera. Um momento de convívio entre os amantes de teatro”.



AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | Encontro da Cerca
1971-2021: 50 anos da Companhia de Teatro de Almada
Casa da Cerca

15:00 e 20:30 | Teatro
History of violence
Fórum Romeu Correia

15:00 e 20:30 | Teatro
Aurora negra
Academia Almadense

20:30 | Teatro
Hipólito
Teatro Municipal Joaquim Benite

20:30 | Teatro
Amitié
Incrível Almadense

RESTAURANTE DO THEATRO

HOJE
Fusili com salsicha picante
Salada de feijão frade

AMANHÃ
Frango à Moda Marroquina
Maionese de pescada

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz · Almada